


} DIVERSIDADE

Turistas podem ver o araraí-bico-de-placa (foto) na reserva privada Paz das Aves, próximo a Nanegalito, a 65 quilômetros de Quito, no Equador. O país abriga 13% das espécies de aves do mundo



Meio ambiente é preocupação para 94% dos brasileiros entrevistados pelo Ibope

Pesquisa, feita a pedido da Confederação Nacional da Indústria (CNI), também mostra que desmatamento é o tema que mais causa apreensão

Herton Escobar

A preocupação dos brasileiros com o aquecimento global e problemas ambientais de uma forma geral aumentou nos últimos anos, segundo uma pesquisa nacional realizada pelo Ibope a pedido da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

O percentual de pessoas que se dizem preocupadas com o meio ambiente aumentou de 80%, em 2010, para 94%, em 2011. Além disso, 44% dos entrevistados afirmaram que a proteção ao meio ambiente tem prioridade sobre o crescimento econômico, comparado a 30% anteriormente. Só 8% disseram que o crescimento econômico é prioritário, e 40% acreditam que é possível conciliar ambos.

Com relação às mudanças climáticas, 79% acham que o aquecimento global é causado pelo ser humano, e o percentual que considera esse aquecimento um problema “muito grave” aumentou de 47%, em 2009, para 65%, em 2011. Entre os entrevistados, 66% classificaram o aquecimento global como “um problema imediato, que deve ser combatido urgentemente”.

É a terceira vez que a CNI encomenda uma pesquisa de opinião sobre meio ambiente ao Ibope, dentro da série Retratos da Sociedade Brasileira – que também já abordou temas como saúde e educação. Algumas perguntas são inéditas, enquanto outras são repetidas dos anos anteriores, permitindo comparações.

“A ideia é conhecer a opinião da sociedade sobre temas importantes. Com a chegada da Rio+20 (a Conferência das

OPINIÃO

● Principais resultados da pesquisa encomendada pela CNI ao Ibope sobre meio ambiente

A PESQUISA

2.002 entrevistados

FAIXA ETÁRIA

16 anos ou mais

SEXO

48% homens, 52% mulheres

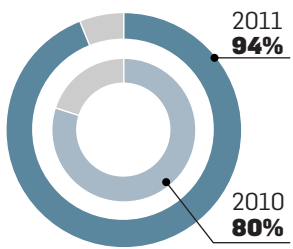
PERÍODO

dezembro de 2011

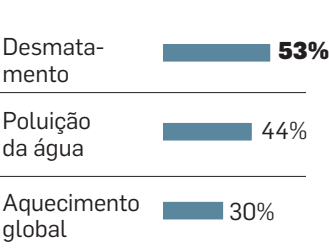
MARGEM DE ERRO

2 pontos percentuais

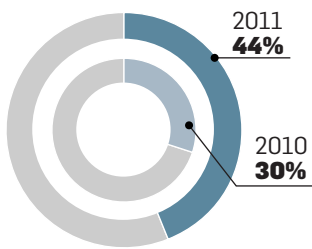
Brasileiros que se dizem preocupados com o meio ambiente



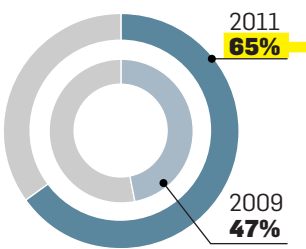
Acham que o principal problema ambiental do País é



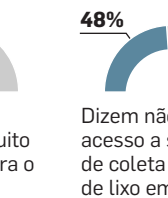
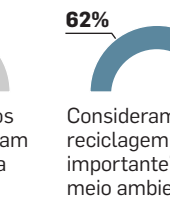
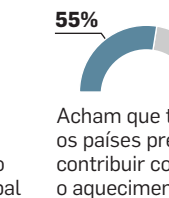
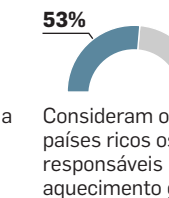
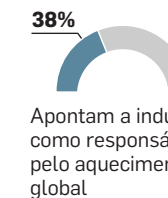
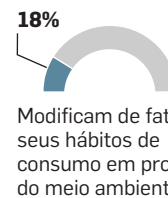
Acham que o ambiente tem prioridade sobre o crescimento econômico



Consideram o aquecimento global um problema “muito grave”



Quase a mesma proporção (66%) acha que o problema deve ser combatido “urgentemente”



FONTE: PESQUISA CNI-IBOPE. RETRATOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA/MEIO AMBIENTE (2011)

Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, que ocorre em junho), resolvemos repetir a pesquisa sobre meio ambiente”, diz o gerente executivo de Pesquisa da CNI, Renato da Fonseca.

Foram entrevistadas 2.002 pessoas com mais de 16 anos em todas as regiões do País, entre 2 e 5 de dezembro de 2011. As perguntas foram agrupadas em três grandes temas: meio ambiente; mudanças climáticas; e coleta se-

● **Atenção governamental**
Para cerca de dois terços – 68% – dos brasileiros entrevistados pelo Ibope para a pesquisa da Confederação Nacional da Indústria, o governo Dilma Rousseff dá atenção ao tema ambiental.

letiva e reciclagem de lixo.

O desmatamento é o problema ambiental que mais preocupa os brasileiros, citado por 53% dos entrevistados. Em seguida aparecem a poluição das águas, citada por 44% das pessoas, e o aquecimento global, com 30%.

Comportamento. Mais da metade dos entrevistados (52%) disse estar disposta a pagar mais por um produto ambientalmente correto, comparado a 24% que afirmaram não estar dispostos. Para 16%, a decisão “depende do quanto mais caro” custa o produto. Apenas 18%, porém, disseram ter modificado efetivamente seus hábitos de consumo em prol da sustentabilidade – por exemplo, preferindo produtos ecologicamente corretos ou dei-

xando de comprar aqueles nocivos ao meio ambiente.

“Não basta saber a opinião das pessoas; queremos saber como elas se comportam com relação a essa opinião”, afirma Fonseca. A maioria das pessoas disse que evita o desperdício de água (71%) e energia (58%), mas é difícil saber quanto disso é resultado de uma preocupação ambiental versus uma preocupação econômica com as despesas da casa.

Entre os dados que mais chamaram a atenção da CNI está o percentual de pessoas que apontam a indústria como principal responsável pelo aquecimento global. A taxa passou de 25%, em 2010, para 38%, em 2011 – apesar de a principal fonte de emissão de gases do efeito estufa no País ser o desmatamento, não a indústria.

As empresas agropecuárias – setor mais associado ao desmatamento – foram citadas por apenas 3% dos entrevistados. Além disso, 42% avaliaram que as iniciativas das empresas em prol da preservação ambiental mantiveram-se “inalteradas” nos últimos anos, assim como as dos governos (44%). Só 33% acharam que houve aumento de iniciativas ambientais nesses setores.

“Precisamos trabalhar muito sobre esses dados”, disse o gerente executivo de Meio Ambiente e Sustentabilidade da CNI, Shelley de Souza Carneiro. “A indústria foi o setor que mais atuou pelo desenvolvimento sustentável nos últimos 20 anos.”

Num esforço para mudar essa percepção, a CNI pretende lançar na Rio+20 uma série de 16 do-

cumentos temáticos mostrando o que cada setor da indústria – por exemplo, automotivo, de alimentação, mineração, energia – tem feito pelo desenvolvimento sustentável.

Reciclagem. Mais da metade dos brasileiros (59%), segundo a pesquisa, separa algum tipo de lixo para reciclagem, e 67% consideram a reciclagem “muito importante” para o meio ambiente. Porém, 48% dizem não ter acesso direto à coleta seletiva de lixo – índice que chega a 68% nas Regiões Norte e Centro-Oeste. Dados que mostram um descompasso entre a preocupação da população com o tema e a capacidade de fazer alguma coisa para resolvê-lo.

Metas concretas para a Rio+20 dividem países



Gustavo Chacra
CORRESPONDENTE / NOVA YORK

As negociações do rascunho da

Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, com encerramento previsto para hoje em Nova York, dividiam ontem os organizadores do evento sobre a conveniência do estabelecimento de metas para os sete principais temas do encontro no Rio, em junho.

Essa divisão envolve tanto diferenças políticas como também opiniões distintas sobre como defender estratégias para o fortalecimento do desenvolvimento sustentável.

De um lado, há os defensores do estabelecimento de metas rígidas para áreas como água, segurança alimentar e energia. Dessa forma, a Rio+20 teria uma importância maior e os resultados seriam mais claros. Ao mesmo tempo, muitos negociadores que participam das discussões na ONU consideram prematuro impor metas na Rio+20, que ocorrerá entre os dias 20 e 22 de junho, optando por objetivos mais gerais em cada uma das áreas.

Para completar, segundo os defensores dessa linha de negociação, as metas dos milênio, que ainda estão distantes de serem cumpridas a apenas três anos do fim do prazo, em 2015, correm o risco de serem ofusca-

das pelas do meio ambiente.

Autoridades governamentais não têm falado abertamente porque temem que seus países sejam classificados como obstáculos para a conferência em defesa do meio ambiente.

Orisco, de acordo com um dos negociadores ontem em Nova York, era de haver um fracasso da conferência no Rio, que marca também o aniversário de 20 anos da Eco-92. “Quase não hou-

estadão.com.br

Portal. Confira a cobertura completa sobre a Rio+20
topicos.estadao.com.br/rio-20

ve avanço, mas até amanhã (hoje) pode haver novidades”, disse. São esperados cerca de 50 mil participantes no Rio.

O secretário-geral da Rio+20, Sha Zukang, tentava manter o otimismo ontem, diante de obstáculos e de tentativas de amenizar o texto o máximo possível. Na sua avaliação, o encontro deveria ao menos “lançar um processo que conduza a metas de desenvolvimento sustentável”.

O chamado rascunho zero do documento contava inicialmente com 6 mil páginas, sendo reduzido para apenas 19 nas negociações em março. Com os adendos colocados pelos governos envolvidos, subiu para 200. Esse documento revisado, segundo os or-

ganizadores, encontrou 26 áreas de atuação.

EUA, Japão, Canadá e também algumas nações europeias têm se mostrado reticentes com alguns pontos em negociação, incluindo o estabelecimento de metas. Também há pressões da iniciativa privada. O Brasil se esforça para que a Rio+20 não seja um fracasso como a conferência do clima realizada na Dinamarca em 2009, onde não foram produzidos resultados.

Em Nova York, há reclamações de falta de foco nas negociações. Haverá apenas mais uma rodada no Rio, menos longa, pouco antes do início da conferência.

Merkel confirma que não virá

Lisandra Paraguassu
BRASÍLIA

Na sexta-feira, a presidente Dilma Rousseff recebeu um telefonema da chanceler alemã Angela Merkel para informar que ela não viria mais para a Rio+20, a Cúpula sobre desenvolvimento sustentável que o Brasil sediará em junho.

Nasemana passada, o Estado já havia antecipado a ausência de peso, que vem se somar a uma lista que acusa a perda do presidente dos Esta-

dos Unidos, Barack Obama, do francês Nicolas Sarkozy e do primeiro-ministro britânico, David Cameron. O Itamaraty já tem a confirmação de mais de 80 chefes de Estado. Mas, mais preocupados com seus problemas internos, os mandatários de algumas das principais economias do mundo decidiram que a Rio+20 não era uma prioridade.

A cúpula vai ter a presença, no entan-

to, dos chefes de Estado das maiores economias em desenvolvimento.

O primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, já confirmou presença, assim como o primeiro-ministro da Índia, Manmohan Singh. Os chineses virão com a maior delegação, mais de 200 pessoas, entre membros do governo e empresários. A maior parte dos países sul-americanos já confirmou presença.

A avaliação do Ita-



maraty, que coordena o esforço de organização da cúpula, é que, apesar da importância da presença do maior número possível de chefes de Estado, os resultados não dependem disso, mas do envolvimento dos países. A previsão é que mais de 150 vão mandar pelo menos delegações em nível ministerial.

A falta de interesse de chefes de Estado de grandes economias confirma o que já se desconfiava: a crise econômica internacional diminui o entusiasmo pelas discussões sobre uma nova economia, apesar de o ponto central da Rio+20 ser justamente a descoberta de um modelo que traga também mais oportunidades.

ONGs criticam falta de diálogo em cúpula

RIO

As ONGs que organizam a Cúpula dos Povos, evento paralelo à Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, decidiram não participar das reuniões preparatórias organizadas pelo governo brasileiro. Essas reuniões, chamadas de Diálogos para o Desenvolvimento Sustentável (DDS), deverão ocorrer de 16 a 19 de ju-

nho. O que faltou no processo foi justamente diálogo, afirmam as ONGs.

De acordo com comunicado divulgado ontem, “a proposta dos DDS foi estabelecida de cima para baixo, tendo o governo brasileiro escolhido os temas, os participantes e os facilitadores, indicando de forma inequívoca que os diálogos e seus resultados serão controlados pelo governo”. “Seguramente significará a realização de escolhas excludentes em um ambiente onde não temos mecanismos efetivos de influenciar o processo decisório”, prosseguem as entidades. / FELIPE WERNECK